

ACHADOS E PERDIDOS

Como é perturbador a gente se perder. Como é difícil procurar um endereço ou um lugar desconhecido, numa cidade desconhecida. Todos já passamos por isso. Desorientados, acabamos por pedir informação para alguém, para um desconhecido. As explicações são sempre parecidas, do tipo: para chegar lá, siga em frente, vire a segunda à direita, depois no terceiro sinal entre à esquerda e, ao chegar a uma espécie de praça, na primeira rua... A gente se perde ainda mais, esquece as recomendações e é obrigado a pedir nova orientação. Mas qual não é nosso alívio (e alegria) quando, ao pedirmos uma informação a alguém, este diz simplesmente: "Eu te acompanho até lá!" Ou ainda: "Venha atrás do meu carro, siga-me!"

Essa situação banal, comum no cotidiano, é uma representação bastante fiel das relações existentes entre a condição humana e a revelação divina. Um dia, cansado de ensinar o caminho, de explicar, de orientar — pelos melhores sábios, mestres e profetas — e de continuar vendo tanta perdição, o Cristo vem a nós e diz: "Vou acompanhá-los pessoalmente". Ou ainda: "Sigam-me!" O mistério da encarnação representa uma mudança radical na situação da criatura diante de seu Criador. Esse é o significado do Advento, celebrado pelos cristãos neste tempo que antecede o Natal: podemos retomar o caminho, pois o próprio Deus veio nos acompanhar. Apesar da excitação do comércio e dos negócios antes do templo, no período que prece-

de o nascimento de Jesus, os cristãos celebram o significado de sua vinda e o alcance inédito de seu advento.

Mas não é fácil penetrar nesse mistério nos tempos atuais. São tantas coisas para lembrar nestes dias de dezembro: provas de fim de ano, presentes de Natal, décimo terceiro salário, fim das aulas, planejamento das férias, balanço de mais um ano, um novo emprego... Perdidos em nosso cotidiano, agregamos mais necessidades ilusórias ao nosso oceano de carências. Esta pequena parábola, dos achados e perdidos, nos convida a consagrar alguns minutos à reflexão. Qual o significado dessa mudança anunciada há dois mil anos por um anjo a uma jovem em Nazaré: Deus se fará homem e habitará entre nós?

Hoje, num mundo globalizado, o desejo de saber e poder está sendo levado a limites nunca imaginados. Com a modernidade, o homem deseja ser, e sente-se cada vez mais, onipotente e onisciente. Pelo bem ou pelo mal, o homem moderno pretende ser seu próprio salvador, autor de sua própria redenção, construtor de sua própria religião e, nesse sentido, busca tornar-se um deus. É como se tivesse conseguido comer o fruto proibido da árvore do conhecimento, no jardim do Éden. Diante dessa nova espiritualidade, dessa nova era, em que — em plena ilusão — o homem se faz deus, o período do Advento relembra o oposto: Deus se fez homem e habitou entre nós!

EVARISTO EDUARDO DE MIRANDA